

# sección portuguesa

EDITORIAL DR. LUIS PROAÑO

O Dr. Proaño, Diretor do CIESPAL, lembra ao leitor os constantes avanços na comunicação humana, paralelos a ascensão do homem desde os primeiros tempos das cavernas à idade da informação.

Mas, enfatiza, o record básico das inovações em matéria de comunicação pertence ao século XX. As novas tecnologias, tais como o rádio, a televisão, os video cassetes, os satélites de comunicação e, sobretudo, o computador comercial, já levaram a profundas mudanças nas sociedades. Hoje em dia, a explosão dos satélites e da televisão por cabo, usando a fibra ótica com capacidades de transmissão quase ilimitadas e o desenvolvimento do computador individual, acessível a quase qualquer pessoa devido a suas drásticas reduções de preços, abrem horizontes totalmente novos para quase todas as esferas da vida no mundo industrializado. Com a introdução da robotização na linha de montagem e no setor de serviços, o desemprego indubitavelmente crescerá; com a invasão dos computadores individuais até mesmo dentro dos lares, as pautas de trabalho e os hábitos do tempo livre tenderão a sofrer profundas mudan-

ças. Proaño assinala que nos países em vias de desenvolvimento os benefícios destas novas tecnologias de comunicação, especialmente com a revolução da microeletrônica, estão ainda abertos ao debate. Os efeitos de sua introdução podem lhes ser vantajosos, como até prejudiciais. Portanto, chama a atenção para a urgente necessidade de submeter as novas tecnologias a uma avaliação integral e desapassionada, a qual pode mostrar que, quaisquer que sejam os argumentos a favor ou contra, a revolução das comunicações chegou para ficar e que a questão principal que enfrentam os países em desenvolvimento pode ser como beneficiar-se desta revolução.

Proaño se sente seguro de duas perspectivas. O computador individual, os bancos de dados e os satélites vinculados pelo telefone e pela televisão, unirão os povos muito mais, numa escala que não podemos imaginar, fortalecendo uma verdadeira comunidade mundial. Por outro lado, os novos meios de comunicação darão ao indivíduo possibilidades nem sequer sonhadas de informação e educação, e promoverão novos vínculos familiares e de participação social.

## CHASQUI ENTREVISTOU O DR. FAUSTO IZCARAY

Na entrevista publicada por CHASQUI, o pesquisador venezuelano Fausto Izcaray responde a perguntas transcendentais sobre as futuras mudanças que podem ocasionar a introdução massiva de novas tecnologias, tanto nas sociedades industrializadas, como naquelas em vias de desenvolvimento.

Apresenta seus pontos de vista sobre se as novas tecnologias facilitarão uma maior democratização da comunicação, ou se fomentarão um controle mais eficaz sobre o homem.

Izcaray responde com precisão a questões sobre as ações que devem adotar os países em desenvolvimento no caso da introdução de novos meios vir a aumentar sua dependência frente aos países industrializados.

Dado que o Informe McBride da UNESCO não condena, a priori, as novas tecnologias de comunicação, já que sob determinadas condições poderiam ser aproveitadas pelos países em vias de desenvolvimento, o entrevistado coloca seus pontos de vista a respeito.

Comenta sobre duas dúvidas que tem com relação aos novos meios: se os mesmos abrem prometedoras perspectivas para os processos educativos e se as tecnologias de comunicação respondem a uma demanda real ou artificial.

Finalmente, Izcaray responde si à América Latina não resta outra alternativa senão a de assimilar parte destas tecnologias, já que o processo tecnológico a nível mundial parece irreversível, e dá resposta à questão relativa às conclusões que as escolas e faculdades de comunicação da região devem tirar desse novo fenômeno.

## A REVOLUÇÃO DA MICROELECTRÔNICA: CONSEQUÊNCIAS PARA O TERCEIRO MUNDO

J. F. Rada

Juan Rada, membro do Instituto Internacional de Administração, em Genebra, se refere aos efeitos que a revolução microeletrônica pode ter para os países do Terceiro Mundo e faz uma advertência oportuna: os países em vias de desenvolvimento podem estar definitivamente condenados a um status de segunda classe se não conseguirem se adaptar à multiplicidade de desafios que coloca essa revolução.

Rada insiste no fato de que, até o momento, se prestou muito pouca atenção aos efeitos perversos que irão produzir na divisão internacional do trabalho a informatização e a computarização progressivas das economias das nações industrializadas. Rada sugere que é provável que a introdução massiva do "microchip" e do microcomputador em produção e serviços no Norte, torne ainda mais difícil aos países em vias de desenvolvimento alcançar os níveis de produ-

tividade e preços dos países avançados. As vantagens da mão-de-obra barata dos países do Sul tendem a diminuir e a oferta de trabalho, questão crítica na maioria desses países, provavelmente sofrerá maiores reduções.

O autor está consciente de que a irreversibilidade e rapidez da revolução microeletrônica faz com que os países do Terceiro Mundo tenham grande dificuldade em competir com os centros científicos e tecnológicos do Norte, mas não adota uma postura pessimista. Os países do Sul têm que realizar, o mais rápido possível, análises exaustivas das prováveis implicações da transferência de novas tecnologias do Norte. Recomenda formular políticas realistas que permitam o uso vantajoso dessas tecnologias, não só nos campos econômicos estratégicos, mas também na administração governamental, na educação e na saúde, e que, ao mesmo tempo, impeçam os efeitos que possam vir a prejudicar seriamente os esforços autóctones de desenvolvimento.

Rada sustenta a tese de que, com a ajuda dos líderes em pesquisa e desenvolvimento em microeletrônica —em verdade, só um punhado de empresas dos EUA, Japão e

Europa Ocidental— o Norte industrializado pode intensificar seu controle sobre os países em desenvolvimento através dos rapidamente crescentes sistemas de fluxo transnacional de dados, dos monopólios de bancos de dados e, ainda, do crescimento paralelo de dependências tecnológicas e culturais.

Ao definir sua postura em questões tão vitais como o

desenvolvimento de uma capacidade própria de pesquisa e progresso científico—tecnológico, a regulamentação da transferência de tecnologia e a utilização racional da informática em sua etapa inicial, os países do Terceiro Mundo ainda podem conseguir alguma coisa e fazer com que a revolução microeletrônica trabalhe em seu benefício, conclui o autor.

## A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE INFORMATIZADA

Héctor Schmucler

Em abril de 1982, o Instituto Latino-americo de Comunicação Educativa, ILCE, realizou, no México, um seminário sobre “Perspectivas da tecnologia educativa”. Naquela oportunidade, Héctor Schmucler apresentou um trabalho, agora publicado por CHASQUI, cujo título é: “A educação na sociedade informatizada”.

O trabalho inicia com uma análise dos antecedentes e do desenvolvimento atual dos computadores no ensino, levando em conta a experiência de diversos países. A segunda parte, “Como ensinam os computadores?”, inclui quatro áreas de aplicação nas instituições de ensino: 1) computadores na educação; 2) computadores na pesquisa; 3) computadores nos serviços de educação e de pesquisa; 4) com-

putadores na administração da educação e da pesquisa.

O ponto seguinte se refere a essa tecnologia como negócio. O autor apresenta dados relativos aos investimentos realizados por empresas transnacionais neste setor.

A partir da quarta parte, “O analfabetismo informático”, Schmucler coloca uma série de dúvidas ao avanço comumente incontável dos computadores. Sua análise se orienta para o que significou, na realidade, a tecnologia no desenvolvimento mundial, sobretudo se se pensa em armamentismo, concentração de informação desigual de riqueza.

“Usar ou não computadores na educação, não admite uma decisão meramente instrumental. Para que tipo de vida humana se quer contribuir? Este deveria ser o padrão de medida, quando chegar a hora da opção”.

## SATELITES DE COMUNICAÇÃO: UMA PERSPECTIVA TERCEIRO-MUNDISTA.

Neville Jayaweera.

O autor está preocupado com um ressurgimento do velho paradigma da comunicação e da modernização, no qual são diferentes apenas as ferramentas e os profetas. Revisa onze postulados para os satélites em apoio ao desenvolvimento. Sua crítica está baseada numa teoria de tecnologia e desenvolvimento. A tecnologia não é neutra; está inseparavelmente ligada a uma base econômica determinada. A partir disso, o autor examina as preocupações do Terceiro Mundo sobre os satélites. Jayaweera observa que existe um retorno a uma estratégia cognitiva de comunicação. Uma ênfase na informação e no conhecimento implica numa falta de interesse em ver os problemas de pobreza em termos estruturais. Há uma compreensão deturpada da pobreza no Terceiro Mundo: esta não resulta fundamentalmente de uma falta de comunicação, para a qual, aliás, os satélites poderiam ser uma solu-

ção. Na verdade, contudo, os satélites integrarão mais ainda a periferia ao centro, agravarão a dependência, com a complacência das elites do Terceiro Mundo, e farão ressurgir a dominação cultural global. Os satélites podem oferecer uma alternativa tecnológica á dolorosa cirurgia preconizada pelo NOEI e pelo NOMIC.

Por outro lado, nenhuma organização social ou poder na história conseguiu deter, por um período considerável de tempo, a marcha da tecnologia. Tampouco, existiu tecnologia que não tenha tido conseqüências negativas. Ninguém sugeriria eliminar a tecnologia. Jayaweera argumenta contra suposições erradas e a favor de mudanças estruturais. Historicamente, cada vez que um desenvolvimento acelerado da tecnologia não é acompanhado por uma reordenação das relações de poder, o mesmo deixa de ser uma força libertadora e se transforma num instrumento de opressão, conclui o autor.

## CONTROVERSIA ENTRE SOLA POOL E SCHILLER.

Um novo cenário está surgindo, criado pelas novas tecnologias de comunicação; um cenário que inverte as tendências centralizadoras, argumenta Ithiel de Sola Pool. As novas palavras-chave são fragmentação, descentralização, pluralismo. O autor ilustra sua tese através de vários exemplos. Afirma que é certo que, no início, as novas tecnologias de comunicação favorecem aqueles que já são privilegiados. A longo prazo, entretanto, tais tecnologias são igualitárias e democráticas, pró-distributivas. Devem-se e podem-se tomar medidas, segundo ele exemplifica, para acelerar o período de transição com respeito a uma distribuição mais ampla. Existe uma resistência muito forte aos meios pluralistas e de “mãodupla”, pelo temor político e seus efeitos democráticos.

Por sua parte, Herbert Schiller afirma que cada nova tecnologia vem acompanhada de afirmações e expectativas extravagantes de elevação cultural e benefício humano. O registro histórico, no entanto, contradiz as afirmações utópicas. A questão a ser colocada é o desenvolvimento específico da ciência sob o sistema capitalista. Nos EUA, o ciclo de pesquisa, descobrimento, construção e aplicação das novas tecnologias de comunicação tem sido determinado consideravelmente pelos centros de poder: os militares, as corporações e o governo. Ainda que tal situação não seja surpreendente, há implicações menos óbvias sobre as quais Schiller se detém. Assim como existem a são utilizadas no presente, as novas tecnologias da informação fundamentalmente controlam e limitam o potencial humano, ao invés de expandi-lo.